

O FUTEBOL DA VERDADE!

Campo Manuel Soares Barreto.

Árbitro: Alder Dante (Santarém), auxiliado por Luís Rodrigues (ataque do Sintrense) e Eduardo Faria (ataque do Montijo).

SINTRENSE — Amaral; Américo, Vítor Marques, «cap.», Luz e Salvador; Marques, Morais e Alcino; Rogério, Nelo e Marquitos.

Substituições: Depois do intervalo, Abrantes rendeu Rogério e aos 62 m. Sérgio entrou para o lugar de Morais.

MONTIJO — Luís Filipe; Fonseca, Moreira, Lázaro e Celestino, «cap.»; Júlio, Louceiro e Rachão; Gomes, Pereira e Roseta.

Substituição: Aos 62 m. saiu Roseta entrando Manuel José. Ao intervalo: 0-0.

Cartão amarelo: aos 43 m. para Fonseca (Montijo) e aos 46 m. para Luz (Sintrense).

«Não vieram nem o Porfírio nem o brasileiro Fernandes mas este ponto do Montijo permite que a equipa não abandone o lote de candidatos à subida à I Divisão. O Portimonense está a perder com o Marítimo no Funchal e para mais terá ainda de jogar no Montijo. Realmente estes rapazes são extraordinários. Quando começou a época apenas se desejava que o Montijo continuasse na II Divisão, pois a equipa tinha sido amputada de alguns dos seus valores. Agora muito logicamente pensa-se no regresso ao «Nacional» da I Divisão. Aí é outra coisa, não é?»

Palavras de Caraballo, o uruguaio que há anos veio para o Sporting Clube de Portugal para marcar golos e hoje é o treinador do Montijo.

«Montijo de Caraballo» que jogou o que o adversário lhe permitiu numa hora e meia onde houve o futebol da verdade em relação ao enquadramento do actual «association» nacional onde escasseiam (ou continuam a escassear) atitudes frontais do tal jeito de «pão, pão, queijo» ou de «quem não tem cão caça com gato».

Montijo que teve artes para se impôr ao seu opositor na primeira parte e Sintrense que durante o segundo tempo bem se fartou de assediar o último reduto dos montijenses embora não lograsse levar a água ao seu moinho, já que na defensiva do Montijo existem homens (ainda) muito capazes de dizer «não» aos ataques dos adversários, casos de Alexandre Moreira e de «capitão» Celestino.

Fundamentalmente, um desafio que teve interesse este Sintrense-Montijo sem certas técnicas que alguns (só alguns, note-se) jogos da I Divisão nos mostram mas com uma entrega total que chega a empolgar e a galvanizar quem está de fora e que sabe (bem) que lá dentro do campo não estão «mercenários» do futebol ou algo que

se lhes assemelhe. Antest, pelo contrário, vinte dois jogadores, uns melhores que outros no pontapé à bola, mas que dão o seu melhor sem «alinham» em certo tipo de exigências, algumas delas impraticáveis para o nosso meio, rubricarem um desafio que teve emoção sem ter golos e onde houve equilíbrio e luta tal como existiu correcção.

E mesmo sem ter os nomes sonantes de alguns dos seus opositores, a equipa da linha de Sintra em nada ficou a perder em matéria de confrontos directos nem o seu treinador (o dedicado Manuel Calado) merecia no final aquela «boca» de um associado do Sintrense ao dizer ao técnico que ele não percebia nada daquilo. Esta afirmação trouxe (até) uma certa troca de palavras (e não só...) e aqui surgiu a única nota discordante de uma tarde de futebol agradável, pois um treinador não pode ir lá para dentro fazer os golos que os avançados não marcam nem «decretar» uma ordem para que a equipa que está do outro lado se vergue toda ela ao poderio da formação opositora e lhe preste a tão de-

sejada vassalagem. Verdade ou não?

Gente conhecida e candidatos a conhecidos

Logo a após o intervalo, o treinador do Sintrense procedeu a uma alteração; saiu Rogério, que aliás se estava a mostrar eficiente num futebol de infiltrações, entrando Abrantes, um ex-Estoril que acabou por justificar a sua inclusão na equipa. Assim de um primeiro tempo em que preferia aguardar que o seu adversário tomasse o comando (aparentemente) dos acontecimentos, o Sintrense entrou para a segunda parte com outra disposição assediando muito mais o meio campo dos montijenses embora o fizesse de forma algo defeituosa com a bola a «pingar» muitas vezes sobre a defensiva visitante onde Moreira, Lázaro e Celestino e até o guarda-redes Luís Filipe resolveram sempre bem todas as situações.

Ao invés, na parte final do desafio, a equipa de Caraballo libertou-se um pouco mais da pressão a que havia sido submetida e, quer o brasileiro Pereira quer o português, Gomes, um n.º 9 com sentido de jogo e com futebol nos pés apareceram muito mais no meio campo do Sintrense nessa altura já mais interessado em manter o zero-a-zero do que ambicionando ataques descontrolados que deixassem o seu último reduto desguarnecido. Moreira ainda safou uma bola sobre a linha de golo com Luís Filipe batido e, logo a seguir Marquitos em boa posição atirou ao

(CARLOS ARSÉNIO)

lado mas o empate também é um resultado de verdade neste futebol da verdade dentro e fora do campo onde cada um (também) dá o que pode e recebe consoante as suas

(Continua na 10.ª pág.)

Record
2/5/76

SINTRENSE — MONTIJO

(Continuação da 7.ª pág.)

instalações o permitem. De tal forma, que os jornalistas e os nossos camaradas da Radio-difusão Nacional ficaram a trabalhar dentro do campo mais ou menos junto à tal linha divisória do rectângulo com um outro dos «tifossis» lá do sítio a confirmarem que do peão todos são Eusébios, Pelés ou Travaços e que árbitro ou fiscal de linha que não faça um golo à equipa da casa é mesmo um sujeito que anda neste mundo (de Cristo, não é?) a mais. Triste lado (do futebol) que também é, infelizmente, uma das nossas verdades nacionais...

Num jogo que teve o seu interesse, gente conhecida que ainda faz figura e candidatos a conhecidos que mostraram coisas. No primeiro caso, VITOR MARQUES, o defesa-central e «capitão» do Sintrense que trocou Sintra pela Cuf e que este ano voltou aos sintrenses. Mandão na sua zona mostrou que poderia aspirar ainda a um lugar na 1.ª Divisão. Aliás, tal como CELESTINO, o que foi do Sporting e do Académica e que se dá ao jogo com o entusiasmo de um principiante que anseia pelo êxito. ALEXANDRE MOREIRA, valente como é seu timbre, mas muito mais positivo na forma como se integra num jogo de futebol onde ele não é o único jogador confirmou a sua utilidade na equipa do Montijo, tal como LOUCEIRO e RACHÃO, dois

antigos «internacionais» juniores que mostraram o «seu» futebol mesmo num campo que não dá para grandes maravilhas de técnica.

Muitos curiosa a aplicação de JÚLIO e de GOMES, aliás já citado. Também o guarda-redes LUÍS FILIPE, mesmo sem grandes estilos exhibe valentia que o lugar requiere.

Em relação ao Sintrense, o guarda-redes AMARAL, um «gigante» que foi júnior do Benfica parece agora mostrar um amadurecimento que o poderá conduzir a outras posições. Senhor de um excelente físico para o ingrato lugar e já com outra visão de jogo o que lhe permite solucionar quase sempre bem os problemas e com uma humildade que lhe advém do facto (importante) de já não actuar num clube como o Benfica onde os jovens com qualidades quase sempre se deixam tentar com certas seducções «europeias» que já vem dos tempos da outra senhora...

Mas para além de Amaral, que já conhecíamos em edição benfiquista também o n.º 10, NELO se nos mostrou com um elemento de bom futebol. AMÉRICO, o defesa-direito, pareceu-nos um jogador bastante útil numa equipa onde todos o procuram ser. MARQUITOS, muito veloz e o dedicado SÉRGIO e os seus livres que ainda assustam, e completam muito bem uma formação que respira humildemente por todos os poros e

que não entra em campo a pensar em chorudos prémios que o clube não tem para lhe pagar...

Arbitragem da verdade

Mesmo com um ou outro lapso dos seus colaboradores, Alder Dante teve uma arbitragem da verdade da aplicação das leis do jogo sempre que a situação a tal o aconselhava. No «amarelo» a Luz, do Sintrense esteve certa a decisão do árbitro enquanto que em relação ao montijense, Fonseca não descortinámos razão para tal. Mas, como o árbitro estava em cima do lance e não hesitou nem uma fracção de segundo...

Globalmente uma actuação sóbria mas bastante positiva.

Record
2/5/76